

**Jovens Bolivianos Radicados no Brasil e Argentina: Uma Abordagem
Comparativa de Desafios e Perspectivas no Ambiente Escolar com
Desdobramentos na Identidade e Cultura das Migrações na América do Sul¹**

Danilo Borges DIAS²

RESUMO

O presente estudo objetiva averiguar as relações entre jovens migrantes bolivianos radicados no Brasil e Argentina (São Paulo e Buenos Aires), atuantes no mercado de confecção e costura das duas capitais. Especificamente, pretende-se saber se há paralelismos nas dificuldades vividas por eles no ambiente escolar quando em contato com jovens nativos (violências nas escolas, absenteísmo e abandono escolar) e quais os desdobramentos dessas questões na identidade e na cultura dos migrantes. O aporte teórico para tanto se valerá com Pais (2007), Dubet (2004, 2006), Hall (1998, 2003), Silva (2004), Novaro (2009). A metodologia adotada concentra-se em pesquisa qualitativa, tendo a observação-participante e entrevistas em profundidade como técnicas de análise. Conclui-se que jovens migrantes bolivianos, atuantes no mercado de costura das capitais paulista e bonaerense, também no universo escolar, quando em contato com os jovens nativos, passam por problemas de aprendizagem, abandono escolar e bullying. Isso impacta diretamente na maneira como estes jovens migrantes radicados no exterior negociam suas identidades e o sentimento de pertença comunitária e cultural no decorrer de suas vidas.

PROBLEMA DE PESQUISA: Por quais similaridades passam os jovens migrantes bolivianos, em idade escolar média, radicados em São Paulo e Buenos Aires, filhos de costureiros e que atuam nos mercados de confecções ou atividades congêneres nas duas capitais?

¹ Trabalho Proposto Para o V Congresso Nacional e Internacional de Estudos Comparados em Educação: Educação e Futuro. Debates e Desafios em Perspectiva Internacional. Eixo Temático: Estudos Comparados entre Atores e Grupos.

² Doutorando em Educação pela Universidade Católica de Brasília. Tem como tema de interesse migrações dentro da América do Sul, especificamente de bolivianos no Brasil e Argentina. danielborges79@gmail.com

HIPÓTESE: Jovens migrantes bolivianos radicados em São Paulo e Buenos Aires, filhos de costureiros e de trabalhadores de baixa qualificação, no ambiente escolar, por conta de questões étnicas, sociais, econômicas e culturais, passam por problemas semelhantes nas duas capitais sul-americanas. Os desdobramentos disso têm como características a geração de violências (físicas e/ou simbólicas) dentro do universo escolar, tendo os jovens migrantes como promotores ou receptores de agressões. As consequências destes encontros, tanto em São Paulo quanto em Buenos Aires, impactam no aprendizado e podem promover o absenteísmo e, em muitos casos, o abandono escolar.

OBJETIVO GERAL: Elaborar uma abordagem comparativa da vida escolar de jovens migrantes, em idade escolar, radicados em São Paulo e em Buenos Aires.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Averiguar como se dão as interações escolares entre jovens bolivianos com jovens argentinos em estabelecimentos escolares de “doble-bandera” de bairros migrantes de Buenos Aires (Bajo Flores e Charrua).
- Identificar se nas relações em ambientes escolares, nos citados bairros de Buenos Aires, compartilhados por jovens bolivianos com jovens autóctones, há espaço para que surjam distintas formas de violência ocasionada pelas diferenças culturais e sociais dos atores participantes deste universo. Saber se, como decorrência do fato, abrem-se novos espaços para o surgimento de outros problemas relacionados às dificuldades de aprendizado e de abandono escolar. Neste momento, pretende-se saber se o jovem migrante boliviano é um receptor ou se é dele que pode partir os movimentos que indiquem possíveis caracterização de violências nos espaços escolares.
- Averiguar como se dão as interações escolares entre jovens bolivianos com jovens brasileiros em estabelecimentos escolares de São Paulo nos bairros do Brás e do Canindé.
- Identificar se nas relações em ambientes escolares, nos citados bairros de São Paulo, compartilhados por jovens bolivianos com jovens autóctones, há espaço para que surjam distintas formas de violência ocasionada pelas diferenças culturais e sociais dos atores participantes deste universo. Saber se, como decorrência do fato, abrem-se novos espaços para o surgimento de outros

problemas relacionados às dificuldades de aprendizado e de abandono escolar. Neste momento, pretende-se saber se o jovem migrante boliviano é um receptor ou se é dele que pode partir os movimentos que indiquem possíveis caracterização de violências nos espaços escolares.

- Realizar um cruzamento dos dois universos amostrais, tendo como variáveis de análise as similaridades e as diferenças de cada uma das realidades analisadas. Propor paralelos analíticos e sugerir alternativas de combate e enfrentamento aos ambientes escolares pluriétnicos marcados pelas diferenças culturais, sócias e econômicas.

JUSTIFICATIVA

Entender a escola como um espaço de sociabilidades e convívios que resultam significados e experiências para toda comunidade escolar é

Enlaces entre educação e globalização...

Escola e diferenças sociais... Escola e pobreza...

Brasil e suas relações na América do Sul...

A Bolívia é o país mais pobre da América do Sul e, em termos de Américas, fica atrás somente do Haiti (BANCO MUNDIAL, 2007). O Índice de Desenvolvimento Humano do País está entre os dez mais baixos do mundo, equiparando-se aos mais baixos índices de nações africanas que passaram, ou ainda passam, por violentas guerras-civis e onde as economias praticamente inexistem. Em termos comparativos e proporcionais, a Bolívia, no contexto sulamericano, é o país que mais tem cidadãos nacionais vivendo em outros países (MAPA MIGRATÓRIO DAS AMÉRICAS, 2011). De acordo com Caggiano (2006), metade da população boliviana residente na Bolívia tem um parente vivendo no exterior. Nas palavras do próprio presidente da Bolívia, Evo Morales, em discurso para os cidadãos radicados fora do país no ano de 2008 assinalava que:

... Mas de la mitad de los bolivianos tienen algún familiar que vive en el extranjero, sabemos que ustedes (extranjeros) son reconocidos por su honestidad y por su trabajo, por eso quiero expresar mi máximo reconocimiento y mi admiración

por el trabajo de ustedes. Gracias bolivianos y bolivianas compatriotas por llevar con orgullo, con valentía, con dignidad el nombre de nuestra querida tierra. No duden de nuestro esfuerzo, desde Bolivia seguiremos trabajando, luchando para que sus derechos se reconozcan en todo el mundo queridos hermanos y hermanas...

Paz e Soldán (2003) assinalam que os quatro destinados no exterior mais visados pelos bolivianos que buscam melhores condições de vida são: Estados- Unidos, Espanha, Argentina e Brasil. Os anos de 1990, com as crescentes dificuldades e barreiras impostas à entrada de migrantes com baixa qualificação em território norte-americano e europeu, os fluxos migratórios no geral sofreram alterações (POGGY, 2003). As novas rotas migratórias, em muitos casos, passaram a buscar economias maiores do as encontradas nos países de origem, incluindo movimentos pendulares nos quais o deslocamento das pessoas não se desse de maneira a ter que enfrentar grandes deslocamentos (BONASSI, 2000). O caso dos bolivianos no Cone Sul segue essa lógica. A Argentina e o Brasil, por suas economias mais amplas com condições de geração de riquezas e proximidade geográfica com a terra natal, tornaram-se o foco de atração dos bolivianos que não conseguiam migrar para os destinos prioritários da parte norte do globo.

A Argentina, também por questões históricas, mas com mais veemência na segunda metade do Século XX nos anos de 1970 e 1980, foi o destino regional mais buscado pelos bolivianos que desejavam sair da Bolívia em busca de melhores condições de vida (GRIMSON, 1999), (CAGGIANO, 2006). A proximidade geográfica, o idioma e as possibilidades laborais nos diversos estados argentinos faziam com que cochabambinos, pacenhos, orurenhos e outros buscassem no país novas possibilidades de recomeçar uma nova vida (id.). No entanto, com as dificuldades financeiras enfrentadas pela Argentina nos anos de 1990 e com ascensão do Plano Real, o Brasil tornou-se um destino opcional possível.³ O mercado de confecção e costura da cidade São Paulo conheceu a “*ola de los 1990*”, recebendo na cidade os migrantes que

³³ As raízes bolivianas por toda argentina são profundas e muito presentes. As dificuldades financeiras vividas pelo país não eliminaram a presença boliviana na Argentina. As comunidades bolivianas no país são consolidadas e organizadas, continuando sendo alimentadas por variadas motivações.

ansiavam por melhores condições de vida não encontradas no país de origem (SILVA, 1999, 2003).⁴

Dessa forma resumida, tem-se um breve panorama cronológico e histórico da presença boliviana nas sociedades argentina e brasileira. Tal presença se desenvolve nas cidades dos dois países de diversas maneiras, provocando encontros entre nacionais e estrangeiros. Encontros alimentados pelas novas gerações de migrantes com seus descendentes em várias esferas da vida social, inclusive no universo escolar e é neste ponto onde temos a potencialidade de investigar as interações entre os jovens nacionais com os jovens estrangeiros. As escolas das cidades de São Paulo e Buenos Aires, principalmente as dos bairros tipicamente onde se encontra a presença dos migrantes bolivianos diferem-se das demais escolas pelas peculiaridades linguísticas, culturais e éticas nas quais se encontram os estudantes que frequentam estes espaços. A comunidade escolar muda com a presença dos estudantes bolivianos, ocasionando com que estudantes, professores, gestores e as próprias comunidades que circulam este universo se repense e se reorganize (NOVARO, 2011).

Em São Paulo, a Câmara de Vereadores do Município, em 2009, com o objetivo de apurar a exploração do trabalho em condições análogas à escravidão cujas quais migrantes andinos estavam submetidos no ramo de confecção e costura de bairros típicos como o Brás e o Bom Retiro, constatou em uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) que as principais dificuldades que estes “migrantes laborais” (nomenclatura registrada pela literatura especializada) possuem muitas dificuldades de acesso aos serviços públicos, dentre eles, poder matricular seus filhos nascidos no Brasil, ou não⁵, nas escolas públicas de ensino médio e fundamental da rede municipal (CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO, 2009). Outra constatação mais profunda da CPI é de que, quando se tem acesso ao ambiente escolar, estranhamentos entre estudantes nativos e estudantes “estrangeiros” são comuns, por conta de questões étnicas, culturais e idiomáticas. Schilling e Magalhães (2012) destacam que a inserção dos migrantes bolivianos no sistema educativo da Capital Paulista é problemática com

⁴ Em momento oportuno, destacar números e apresentar estatísticas das presenças dos bolivianos nas duas capitais, assim como, destrinchar mais a fundo as histórias da presença boliviana nos dois países.

⁵ Consideraremos como bolivianos tanto os jovens nascidos na Bolívia quanto os chamados de “segunda geração”. Averiguar potencialidades e dificuldades deste tipo de unificação.

desdobramentos que transitam desde a gestão administrativa do estabelecimento escolar e que culminam nas relações pedagógicas e sociais dentro de sala de aula.

A situação em Buenos Aires difere-se, em partes da situação de São Paulo, pois na Argentina escolas da Argentina são as mais violentas da América Latina, segundo informações da *Agência Ansa*. Também estão nesta lista Peru, Costa Rica e Uruguai, porque são os países que registraram o maior número de denúncias por violência dentro das escolas, de acordo com relatório da Corporação Internacional para o Desenvolvimento Educativo (Cide). Na Argentina cerca de 37,18% dos alunos reconheceram ter recebido algum tipo de insulto ou ameaça conforme o estudo realizado em 16 países da América Latina. Peru (34,39%), Costa Rica (33,16%) e Uruguai (31,07%), são os demais principais nomes do relatório. São os argentinos também que figuram em primeiro lugar no quesito maltrato físico, já que 23,45% de seus alunos afirmaram terem sido vítimas de comportamentos agressivos. Em segundo lugar estão os equatorianos, com 21,91% de denúncias da população estudantil. A pesquisa consultou aproximadamente 91 mil alunos das sextas séries de quase três mil escolas primárias de 16 países da América Latina.

Enquanto nos estabelecimentos de ensino privados argentinos a violência mais recorrente é a verbal, nos públicos, a violência física é predominante. O dado é da pesquisa "Clima, conflitos e violência na escola" realizada pela Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Infância) e a Flacso (Faculdade Latinoamericana de Ciências Sociais), feita com 1.690 alunos da cidade de Buenos Aires e arredores, divulgada no site do jornal Clarín. De acordo com a pesquisa, 71% dos estudantes de Buenos Aires já presenciou uma briga; 68% afirmaram ter conhecimento de roubo ocorrido em aula; 66% presenciaram situações de humilhação entre eles mesmos; 51% temem ser vítimas de violência no trajeto entre a casa e a escola; 23% estiveram perto de virar vítima de humilhações; e 23% foram humilhados ou insultados por professores na frente de seus colegas. As provocações, maltrato, assédios, discriminações e humilhações, no entanto, são mais frequentes em nível social alto. Segundo Elena Duro, especialista em educação da Unicef, a escola não está alheia à realidade do país e é uma "caixa de ressonância que absorve as tensões e os conflitos exteriores da vida escolar". Ela diz que isso se caracteriza como "violência na escola" e não "violência escolar": a primeira é que se

manifesta no local, mas não tem relação com as situações do cotidiano da instituição; a outra teria relação com atividades escolares.

A realidade familiar e as companhias, por exemplo, pode levar a conflitos. Sete em dez crianças já presenciou uma briga na escola. A violência verbal é diária e acaba sendo naturalizada como uma "forma de comunicação", assim como comentários discriminatórios, seja pela cor da pele, por ser imigrante, por referências musicais ou vestimentas ou outras rivalidades que, muitas vezes, terminam em agressão física.

ABORDAGEM TEÓRICA

“As estruturas sociais de um país possuem íntimas relações com o seu sistema escolar” (LOURENÇO-FILHO, 2004).

As transformações dos sistemas de ensino são percebidas com maior profundidade na medida em que se pesquisam não apenas os contextos educacionais nacionais, mas também os internacionais, para relacioná-los, compará-los, analisa-los e entende-los de maneira mais ampla (MARCONDES, 2005).

A abordagem teórica escolhida para desenvolver o presente trabalho concentra-se nos estudos comparados em educação. A justificativa por tal escolha remete-se ao fato de tal abordagem ser uma, não a única, das propostas teóricas úteis para se desenvolver aspectos da educação enquanto um campo de encontro com outras áreas como a sociologia, a antropologia, a economia e a história em um mundo caracterizado e marcado pela globalização e suas contradições. Os estudos comparados na área da educação possibilitam na presente proposta averiguar o que há de comum e o que há de

diferentes nos movimentos migratórios dentro do cone sul quando são vistos sob a ótica dos contextos escolares nos quais se encontram jovens migrantes filhos de bolivianos radicados na cidade de Buenos Aires e de São Paulo, possibilitando descrições e análises dos fenômenos que estão presentes na relação escola, migração, cultura (sociologicamente falando), aprendizado e violências. Com isso, Marcondes (2004) complementa que com o processo crescente de globalização dos aspectos econômicos com seus desdobramentos sociais e culturais, o papel da educação comparada, como campo acadêmico e abordagem teórica, ganha novo sentido.

Os estudos comparativos, que também se aplicam à educação, se preocupam em averiguar o que dois ou mais sistemas têm em comum e também o que podem ter de diferente quando analisado sob as mesmas variáveis, mesmo que estas se comportem de maneira distinta em cada um dos universos, preocupando-se essencialmente com os fatores que ocasionam a evolução dos fenômenos em observação. Nas palavras do autor, “o que a educação comparada se propõe a fazer, partindo das formas institucionalizadas de ensino, é aprofundar a análise desse processo nas relações presentes entre grupos sociais” (Id. p. 18). De maneira complementar, o autor indica que as situações nas quais a educação comparada se aplica podem ser caracterizadas de duas maneiras: as de fácil e de difícil caracterização. A primeira se remete às situações nas quais as variáveis a serem comparadas giram em torno de aspectos mensuráveis e quantitativos, agregando questões geográficas, composição e distribuição populacional, das ocupações as quais se entregam os diferentes grupos observados, as formas de competição e cooperação econômica, entre outros. A segunda engloba elementos relacionados as aspirações dos atores envolvidos nos processos sociais, com impactos na formação das comunidades que refletem as maneiras de se organizar e tendo como base as diferenças culturais entre os espaços observados.

Sobe e Fischer (2012) destacam que o campo dos estudos comparativos preocupam-se em analisar o espaço e o movimento como um domínio de prática cultural. Ou seja, para os autores os espaços e os movimentos, além de outros fatores, exercem um papel fundamental nas formas como os grupos e indivíduos de maneira diferente nas instituições escolares e suas distintas experiências nessas instituições. Nesse contexto se percebe a potencialidade de aplicação dos estudos comparados em educação aos contextos nos quais se apresentam contingentes humanos populacionais deslocados de seus espaços de origem, como os bolivianos em Buenos Aires e em São Paulo.

Para Marcondes (2005), as reflexões possíveis por meio da educação comparada possibilitam subsídios teóricos para conhecer e experimentar diferentes sistemas de ensino e realidades educacionais em ambientes marcados por um mundo globalizado, pois os mecanismos que elas oferecem dão suportes adequados para interpretação de diferentes práticas e políticas em matéria de educação em diferentes países e sistemas educacionais.⁶ Ainda de acordo com a autora, é fundamental em se tratando de estudos em educação comparada que se busquem nas diferentes raízes que constituem a cultura popular os significados de conceitos e compreensões-chave de elementos como educação, aprendizado e ensino. Nas palavras da autora:

Comparar sistemas educativos diferentes é ter a perspectiva de revelar a diversidade e as disparidades que existem no interior de uma mesma unidade territorial. É preciso esclarecer, entre outros aspectos, as relações que se estabelecem com as demais instituições educativas e culturais e os efeitos que produzem no contexto em que estão situadas. Um território nacional ou um espaço cultural não podem ser tratados como unidades homogêneas, uma vez que são espaços percebidos, modelados, vividos diferentemente pelo indivíduo e influenciado por políticas externas ao cenário em si (MARCONDES, 2005, p.147).

Nóvoa (1998) destaca que os estudos comparados podem servir de inspiração e orientação às reformas educativas, considerando os atores envolvidos (legisladores, professores e estudantes) em um determinado contexto de lutas por interesses difusos

⁶ Merece destaque que os estudos comparados em educação, principalmente no final do século XX, foram extensamente utilizados por organismos internacionais para finalidades ligadas à comercialização de serviços educacionais (RIKOWSKI, 2003 apud. MARCONDES, 2005). De maneira complementar, a educação comparada é usada para averiguar relações entre qualidade de ensino entre público X privado, países europeus com países africanos (por exemplo) no intuito de averiguar relação entre qualidade e produtividade com rankings de desempenho mundial para se afirmar políticas de privatização. No entanto, a abordagem proposta para o estudo em desenvolvimento é de retratar os estudos comparativos em suas potencialidades analíticas de interpretação de realidades sociais envolvendo dois sistemas educacionais e as pessoas envolvidas nele. Não é nosso foco abordar os mercados de educação no sentido das políticas econômicas e liberais que passam os setores educacionais com finalidades comerciais. Seria ingênuo dizer que essa abordagem não impacta a presente proposta no que tange aos desdobramentos migratórios no contexto sulamericano, mas nossa proposta não se concentrará em macro-relações, mas sim nos cotidianos e universos vividos por alunos nas escolas estipuladas e descritas na metodologia.

que se situam em um mesmo tempo e espaço, gerando imprevisíveis possibilidades conectivas, pois colocam cenários educativos e culturais justapostos.

ABORDAGEM METODOLÓGICA

Sampieri, Collado e Lúcio (2013), destacam que a análise de dados qualitativos é um tipo de abordagem na qual o pesquisador decide conhecer o indivíduo e seu contexto, reconstruindo o que se está sendo visto e vivenciado, mas deixando claro o que é dado de campo e o que é interpretação. Ainda para os autores, a pesquisa qualitativa busca compreender e aprofundar os fenômenos e experiências, pontos de vista, opiniões e significados que rodeiam os participantes de uma pesquisa ou de um cenário analítico. A base de suas técnicas se concentra em materiais escritos (transcrições, documentos, notas, memorandos, diários de campo, entre outros). Tem ainda um cunho indutivo, o que lhe rende críticas de um lado mais positivista da ciência que adota métodos mais metrificável.

Apesar das queixas e desconfianças de alguns campos do conhecimento, tidos como mais confiáveis por se embasarem em perspectivas mais consolidadas e hegemônicas, a análise quantitativa é um processo rigoroso, mas que caminha por outras vias, pois se apoia em outras maneiras de interpretar o mundo e o conhecimento científico. Por se tratar de um processo interpretativo, Gray (2012) destaca que o pesquisador é um tipo privilegiado de observador, mas que não é neutro no processo de relacionamento com o meio, muito menos um figurante desinteressado, mas alguém cujas observações são seletivas e as interpretações são parciais.

De acordo com o autor, o pesquisador qualitativo reúne algumas características centrais. São elas: ter organização para não se perder em meio ao número de informações geradas no correr da pesquisa. Possuir uma abordagem estruturada dos dados, estando estes bem concatenados com as bases da pesquisa. Despir-se de ideias preconcebidas e das verdades únicas e absolutas, dando lugar à interpretação e espaço ao novo. Elaborar de maneira detalhado um robusto protocolo de pesquisa, contendo todos os passos a serem tomados e destacando os métodos, técnicas cronogramas do

processo investigativo. Por fim, não deixar que os dados de campo “esfriem” no pós-coleta, se fazendo necessário um tratamento imediato dos mesmos logo após sua coleta.

Já a análise quantitativa é aquela afeita às estatísticas e às probabilidades das análises combinatórias. Trata-se do tipo de investigação científica preocupada com a mensuração exata de questões ligadas aos números e à matemática. Para tanto, dispõe de recursos e métodos próprios, com softwares de computador que facilitam as análises e as mensurações. Na pesquisa qualitativa também se encontra disponível softwares, mas essa prática pode ser considerada uma herança das metodologias ligadas às ciências duras e calculáveis. Questionários estruturados são as práticas correntes que visam mensurar comportamentos e frequências. O grande debate da ambivalência entre análise qualitativa e quantitativa, no sentido de saber qual é a melhor está ultrapassado. Muito menos o debate se um está conectado ideologicamente à tendências políticas de direita ou de esquerda. A abordagem atual é que ambas não são dicotômicas, mas sim complementares.

Há um debate acadêmico intenso acerca das distinções entre pesquisa-ação e pesquisa participante. A proposta central desta recensão é elucidar as principais distinções entre cada uma e elaborar uma abordagem acerca de como se aplicam em um contexto de investigação científica na educação. Para tanto e em linhas gerais, iniciamos a diferença entre ambas assinalando que a observação participante busca conhecer um fenômeno ou fato para poder explicá-lo, já a pesquisa participante busca compreender para servir (SCHMIDT, 2001).

De forma mais apurada, a pesquisa-ação, de acordo com Thiollent (1992), é um tipo de pesquisa social de caráter científico, submetida a uma forma de controle metodológico e epistêmico, não se limitando à forma empiricista e quantitativa, se utilizando da observação e quantificação associadas a procedimentos de argumentação realizadas nos momentos das discussões geradas entre os atores participantes de diferentes grupos sociais. Já a pesquisa participante, ainda para o autor, ancora-se em uma modalidade de produção de conhecimento coletivo associado às classes populares. Brandão (2008) destaca que ambos os tipos de pesquisa têm características muito próximas e similares, mas que rompem de maneira singular quando a primeira recebe uma conotação de uso e aplicabilidade em contexto europeu, já a segunda dimensiona sua aplicação em um contexto latino americano.

Para Brandão (id), a pesquisa participante recria formas concretas de produzir, pensar e direcionar o uso dos saberes sociais, individuais e coletivos com vistas a um empoderamento popular, permitindo que os participantes da pesquisa possam tomar consciência de sua própria história. É o tipo de pesquisa com forte apelo popular e de compromisso com as classes sociais cujo papel histórico lhes foi negada nas benesses das produções e avanços científicos. Nesta abordagem se percebe uma forte influência marxista orientadora das epistemes. Ambas as perspectivas sofrem duras críticas acadêmicas, principalmente dos campos das ciências naturais, pela falta de rigor científico e de critérios objetivos claros para definição de bases minimamente aceitáveis para certos padrões de conhecimentos genuinamente consolidados.

Alguns dos princípios metodológicos da pesquisa participante são de clara devoção às causas populares, evitando a repetição de discursos dominantes. A divulgação dos resultados passa por meios de fácil acesso e contempla os sujeitos envolvidos como elementos históricos dentro de um ciclo de exploração, tomando em conta a necessidade de questionamento das bases dominantes vigentes na sociedade com vistas a um rearranjo de interesses que passa, também, pela abordagem científica – um campo sempre dominado pelas classes abastardas e produtoras de exclusão.

O método da observação se assenta em premissas básicas de ações humanas. Para o pesquisador que quer observar os fenômenos ou fatos que ocorrem na sociedade precisa ter como meta que o ato de observar perpassa pelo ato de enxergar e ver, cheirar e sentir, escutar e ouvir, tocar e deixar-se tocar. É em suma, criar contextos e de análises acerca do ser-humano, como destaca Malinowski (2005), levando em consideração, ainda, que todo comportamento humano expressa uma função do indivíduo enquanto este mesmo indivíduo como um ser inserido em um meio (ESTRELA, 2008).

Mas existem diferenças clássicas entre uma observação que se pretende científica para uma observação mais despreziosa e sem muitos compromissos com um olhar sistematizado. A abordagem científica requer treino e profundidade no exercício do olhar. Faz-se necessário um questionamento constante do que se observa de maneira sistemática e metódica acerca das delimitações de campo, das unidades de observação e, principalmente, quais comportamentos serão observados.

Para Patton (1989), existem sete dimensões da observação. A primeira diz respeito ao papel do observador, pois o pesquisador tanto afeta quanto é afetado pelo

objeto. A segunda se remete à perspectiva adotada pelo pesquisador da necessidade de colocar dentro do universo em análise (ESTRELA, 2008). O terceiro elemento é maneira como o observador se colocará em meio ao mundo observado, destacando se sua presença enquanto observador será omitida, comunicada ou parcialmente comunicada. O quarto ponto se refere ao propósito da observação se ele será integralmente explicado, parcialmente explicado, se não será explicado ou, ainda, se será propositadamente modificado com intuito de confundir o objeto observado que também observa. O quinto elemento é se haverá um processo colaborativo, com destaque para saber se a atuação do pesquisador será individualizada ou se contará com uma rede de pesquisadores. O sexto passo se concentra na duração da observação e o último elemento se concentra no foco do objeto a ser observado, destacando se é um objeto com enfoque mais individualizado ou mais abrangente.

Estrela (2008) destaca a necessidade de que se defina as estratégias de como observar. A primeira necessidade é que se tenha formas e meios de observação. A segunda são os critérios e meios do ato de observar com critérios e formas de registro. Logo em seguida se faz necessário um procedimento específico para análise dos dados. A observação pode ser aplicada na Etnografia, no Estudo de Caso, na Pesquisa-Ação, Entrevista em Profundidade e, também, na Análise. Dessa forma, podemos perceber que é um método tico e de variadas utilidades. No entanto, é preciso um cuidado e preparo científico e acadêmico considerável para o seu uso de maneira correta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde Aristóteles a Escola é o lugar do saber e o saber é sinônimo de evolução de civilização e de construção de uma sociedade pacífica. No **Brasil** não tem sido assim. Os últimos dados sobre violência nas escolas apontam o Brasil e primeiro lugar do ranking em agressões aos professores. Em sexto lugar em homicídios de jovens de 0 a 19 anos, sendo o segundo país em números absolutos que mais mata sua infância e juventude. Os administradores das escolas, desorientados, pedem a presença de policiais nas escolas, demitindo-se de sua autoridade acadêmica e disciplinar. Os administradores públicos investem na segurança externa aumentando o aparato de violência nas comunidades sem investirem nos educadores. Os professores mal remunerados e desmotivados demonstram sua insatisfação refletindo na falta de compromisso com a educação e recebendo como um bumerangue a violência dos desmotivados alunos.

A educação do século XX é rejeitada pelos alunos do século XXI. Como reverter esse quadro de violência mútua? Os “hermanos” argentinos nos apontam o caminho. Há na Argentina um forte investimento na valorização do magistério e uma **preparação** para patrocinar um ambiente escolar voltado para a paz. São as Escolas de Paz preparando os mestres e alunos para uma convivência pacífica através de treinamento de processo de resolução de conflitos com a mediação e a justiça restaurativa.

Com muito entusiasmo conheci recentemente o **trabalho** realizado nas escolas pelos Parceiros Brasil, capitaneado pela Dra Gabriela Asmar. Já com algumas experiências exitosas na capacitação de professores e alunos os frutos já começam a ser colhidos em escolas públicas municipais onde alunos e professores mediadores estão sendo preparados para a resolução de conflitos que ficam adstritos aos muros escolares, quando antes eram levados à solução, quase sempre insuficientes dos Conselhos Tutelares, da autoridade policial e mesmo do judiciário.

Numa sociedade sofrida pelos inúmeros conflitos da vida moderna é essencial que a paz seja plantada e apreendida a partir das escolas. É na Escola que se deve aprender a **arte** da convivência pacífica e duradoura. O judiciário não está dando conta de resolver tantos e variados conflitos. É preciso que as novas e modernas modalidades de resolução de conflitos sejam ensinadas nas escolas. Alunos mediadores detém uma maior compreensão das dificuldades e identificam melhor os interesses em jogo.

A mediação é a arte de compreender melhor o próximo e encaminhar as partes em conflito para que sejam protagonistas da solução. A presença de um terceiro que decide qual a solução nunca agrada a ambos. Daí afirmarmos que o juiz sempre está desagradando pelo menos metade dos personagens em conflito, enquanto que através da mediação a possibilidade de êxito é de cem por cento, eis que a solução dos conflitos nasce através da identificação dos interesses comuns. A sociedade em todas as suas dimensões precisam conhecer e praticar a mediação e as práticas restaurativas. Esse é o caminho da busca da paz social.

